

A FRONTEIRA NA FILOSOFIA: Uma construção conceitual

Lorena Maia Resende¹

Conceituar fronteira é um processo que exige prudência, uma vez que seu significado está em constante transformação no espaço-tempo e pode ser aplicado em diversas circunstâncias, seja no meio físico ou do pensamento. Falar de fronteira é falar de sensibilidade. Em um primeiro momento a palavra carrega um sentimento negativo, fato aceitável quando os registros históricos mais marcantes relacionados a fronteira são realidades de conflitos e guerras. Por mais que o conceito fronteira tenha se originado de forma espontânea, com o intuito social de sobrevivência, os acontecimentos negativos que sucederam foram tão traumatizantes a ponto de criar um novo conceito, mais nocivo. O muro de Berlim é um desses marcos, que manchou a palavra fronteira por muitos anos e até hoje é também sinônimo de segregação e disputa.

Fronteira é obra humana, fato social, de caráter histórico. Ao remontar a origem da palavra, juntamente com as equivalências em outras línguas, como em espanhol (*frontera*), francês (*frontière*), inglês (*frontier*) a derivação do antigo latim *frons*, *frontis* indica o que está a frente. Segundo o geógrafo francês Christophe Gay (2004), o termo que se conserva “front” designa zona de combate, *front militar*, grupo de pessoas a frente – fronteira humana, sem inferir primeiramente a ideia de fronteira como limite territorial que se instituiu somente com o Estado Moderno (GAY, 2004).

É próprio do homem o instinto de dar sentido ao caos, da organização e controle. Na história da humanidade é perceptível a necessidade da domesticação do espaço, regiões de influência na extração do substrato para sobrevivência. Os estudos arqueológicos e antropológicos conseguem traduzir a percepção de mundo que os primeiros habitantes apresavam. O antropólogo Leroi Gourhan (1985) afirma que a noção de mundo circundante se criou de dois modos: o dinâmico que percorre o espaço para obter conhecimento (nomadismo); e o estático que mesmo inerte delinea vários círculos até o limite do desconhecido (sedentarismo). E, a partir dessas descobertas, seja de forma dinâmica ou estática, que o homem inicia o processo de assimilação, reconhecimento e nomeação das experiências, criando assim um mundo simbolicamente controlável.

A literatura registra o primeiro uso da palavra fronteira entre os séculos XIII e XV na região europeia, palco dos desbravamentos e posteriormente a provedora da ideia de propriedade privada - interligada ao conceito de fronteira. No entanto, proferida inicialmente pelos militares e materializada nas fortificações não se relacionava a uma linha, mas sim a uma área de domínio. Observa que fronteira nasce da espontaneidade social, da necessidade primeira de proteção e manutenção da sobrevivência, sem ainda abarcar as relações legais e políticas. Somente com a evolução e crescimento das sociedades, de motivos que vão além da subsistência que o conceito expande seu entendimento para o ramo da comunicação em um viés político (MACHADO, 1998).

Com a intenção de discutir sobre o conceito fronteira recorre-se à Filosofia na busca de mais algumas compreensões. Após beber de várias fontes como a geografia, história,

antropologia, urbanismo, percebe-se como a construção desse conceito é complexa e diversificada. No entanto, para Deleuze e Guattari, a principal tarefa da Filosofia consiste em criar conceitos que são construídos mediante uma necessidade. Não que as outras áreas de conhecimento sejam menos criativas, mas são níveis diferentes de saberes. O que esses autores querem dizer é que todas as formas do saber, filosóficas ou não, são formas de pensamento. Por exemplo, a arte cria pensamento, mas gera uma consistência – pinturas, desenhos, expressões – proporcionando sensações e percepções. Assim como o cineasta que cria pensamentos mediante a formação de imagens em movimento. Ou seja, todas formas de saber geram pensamento, e por sua vez, o filósofo gera pensamento criando conceitos que não são dados, descobertos, mas sim inventados, criados. Os outros saberes produzem conhecimentos que são fundamentais na construção dos conceitos, mas sozinhos não dão conta de explicar todas as transformações contemporâneas e atravessadas. Justifica-se assim a importância da Filosofia no entendimento da linguagem conceitual.

Aproximar de Deleuze e, principalmente, sobre a Filosofia da Diferença, contribui para o entendimento do conceito de fronteira. A escolha por Deleuze privilegia o seu pensamento mais geográfico do que histórico – como Foucault, por exemplo. A ideia de não estar preso em uma história linear hierarquizada do pensamento facilita a compreensão da fronteira, que está constantemente em mudança, sendo arriscado seguir uma lógica histórica. É importante reconhecer seu conceito no tempo, mas não de estagná-lo, prendê-lo naquele tempo. A fronteira é primeiro espaço que decorre em um tempo.

Outro motivo pela preferência em Deleuze se explica por seus constantes agenciamentos, tanto com outros filósofos como em diversas áreas do conhecimento, especialmente matemática (apropriando do cálculo diferencial) e biologia (conceitos de pensamento rizomático e arborescente). Deleuze bebe de Espinosa para chegar ao conceito de imanência, assim como se aproxima de Nietzsche na compreensão do eterno retorno da diferença, além dos conceitos de virtual e atual que partiram de Bergson. E como em um jogo conceitual, Deleuze abraça vários autores para chegar em percepções distintas. Assim como o entendimento de fronteira abrange distintos autores, cada um a seu modo contribui no esclarecimento dessa fresta tão particular. Além disso, a eleição por Deleuze não descarta a contribuição dos outros Filósofos da Diferença, como Foucault, Guattari, Derrida, Agamben, Bauman entre outros, que entendem a diferença como potência, se interessam menos pelas semelhanças e identidades e muito mais pela singularidade e particularidade. Se postula um novo modo de compreender o homem, o sujeito, a natureza e todos os atravessamentos possíveis.

Segundo Gilles Deleuze (1988, p.38) “tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, assim, a tarefa da filosofia da diferença”, o autor se propõe a desmistificar a historicidade negativa da diferença anunciada por outros filósofos, como Platão e Aristóteles. A diferença entendida como mutação e imprevisibilidade era vista com repugnância, pois não ter o controle ou mesmo explicação das transformações seria algo perigoso e inaceitável. A identidade, a identificação, a busca pelo mesmo sempre se aliou a ideia de estabilidade, controle, segurança e comodidade, por isso mesmo muito desejável. No entanto, o pensamento de Deleuze vai em direção oposta a esse pensamento racional e enaltece a diferença como componente indissociável da vida humana, a própria essência da natureza revela a coexistência da diferença, “não há dois grãos de poeira absolutamente idênticos, duas mãos que tenham os mesmos pontos relevantes” (idem, p.34). Dessa forma, a diferença também é componente do pensamento, e, para apreendê-la, é preciso extrapolar a lógica da razão e romper com a estrutura representativa. E, quando se refere a diferença, não é somente dizer que uma coisa é diferente da outra - em uma atribuição física submissa as regras

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2016). E-mail: lorenamilitao@gmail.com

da identidade -, mas a diferença em si mesma está relacionada ao pensamento, ao acontecimento.

Na obra *Diferença e repetição* (1988), Deleuze contrapõe a ideia do espaço da imagem do pensamento (espaço da representação) ao espaço do pensamento sem imagem (espaço da diferença). Ou seja, a imagem do pensamento já pressupõe uma verdade dada, apoiada pela moral que postula o que deve se conhecer ou não, ligada ao dogmatismo e a racionalidade, buscam um realismo extremo em uma sempre incompleta representação. Ao passo que um pensamento sem imagem é um pensamento “intempestivo” – lembrando o termo de Agamben (2009, p.58) usado para definir o contemporâneo –, de multiplicidades e singularidades que está próxima da ética e rompe com todo tipo de senso comum e representação.

A fronteira não é susceptível a interpretação e muito menos representação. Para apreender a fronteira é preciso experimentá-la (SILVA, 2005). Logo, a fronteira nada mais é do que a diferença em si mesma, a fresta, o constante rompimento e construção. Lugar de ninguém e de todos ao mesmo tempo. Sem identidade fixa pode ser entendida como um “corpo sem órgãos”² (ou ainda um desejo de o ser) que se constitui em um eterno retorno da diferença³. A fronteira, metaforicamente, se apresenta como um rio em fluxo constante que nunca é o mesmo, está sempre em transformação. E, aquele que se adentra a esse rio e passa por um processo de subjetivação, quando sai dele nunca retorna como o mesmo, pois é na diferença que nos reconhecemos e também conhecemos o outro.

As proposições de Gilles Deleuze exaltam a fronteira como movimento, construção e produção, aproximando-se mais como abertura e atualidade do que como acabada, finalizada “no limite, só conta a fronteira constantemente móvel” (DELEUZE, 1997, p.27). Locais de mutação e subversão. Também são sítios de agitação e do excesso onde os “limites” são ultrapassados tornando então um espaço de ruptura - conflitante ou pacífica. A fronteira não preexiste, pois ela sempre é criada e recriada. Por isso não é somente mapa-espacial, mas abraça também relações, criações, pensamentos, configurando-se na arte, na ciência e nos lugares de possibilidades de todas as áreas, tempos e espaços.

Um território de fronteira é, por excelência, um território de devir. Devir não é evolução, uma linha cronológica, uma imprevisão de um futuro que pode ser possível. Na verdade, o devir ou o ‘por vir’ está fora de uma linearidade presente, é o inimaginável, o impossível.

“Um devir não é um nem dois, nem relação de dois, mas **entre-dois, fronteira ou linha de fuga**, de queda, perpendicular aos dois. Se o devir é um bloco (bloco-linha), é porque ele constitui uma zona de vizinhança e de indiscernibilidade, um no man’s land, uma relação não localizável arrastando os dois pontos distantes ou contíguos, levando um para a vizinhança do outro, — e a vizinhança fronteira é tão indiferente à contiguidade quanto à distância” (DELEUZE, 1997,

2 O Corpo sem Órgãos é um conceito criado por Deleuze e Guattari explicito tanto na obra *O Anti-Édipo* como nos volumes de *Mil platôs*. Se refere a uma prática de desprendimento sempre revolucionária, a recuperação dos órgãos do organismo que foram capturados pelo capital. O CsO é a potência de existir, de tomar o próprio controle da vida e se desprender das armadilhas cotidianas.

3 “O eterno retorno é o retorno distinto do ir, a contemplação distinta da ação, mas também o retorno do próprio ir e o retorno da ação, simultaneamente momento e ciclo do tempo” (DELEUZE, 1976, p. 20). Insuportável ideia de tudo se repetir da mesma maneira, daí vem o idêntico a identidade. A ideia de eterno retorno da diferença é o movimento cíclico da diversidade e diferença. É preciso buscar a diferença a vontade de potência.

p. 80. Grifo da autora)

O devir como uma Zona de Experiência, lugar-não-lugar-comum de experimentação que seguindo a “lógica espectral” referida por Jacques Derrida (1994), uma experiência que não é nem inteligível nem sensível, nem visível nem invisível, mas que introduz uma dimensão do fantasmático dentro do político e contribui na compreensão da contemporaneidade.

Fronteira é acontecimento. “Se compararmos o acontecimento a um vapor nos prados, este vapor se eleva precisamente na fronteira, na dobradiça das coisas e das proposições” (DELEUZE, 1974, p. 20). A fronteira é o lugar da comunicação e articulação entre as coisas e as proposições, seja na linguagem (entre os verbos e os adjetivos), nas artes (entre o pensamento subjetivo e a obra), na arquitetura (entre a criação projetual e a materialidade) ou no próprio território de fronteira Internacional (entre eu e os outros) “Tudo se passa na fronteira entre as coisas e as proposições” (DELEUZE, 1974, p. 11).

Ainda se abre uma discussão sobre a reflexão de Jacques Derrida quanto a noção de fronteira ser um lugar que tem a ver tanto com inclusão como exclusão. Com perda dessa dualidade ter implicações simples ou complexas. Giovanna Borradori (2004), em seu livro *Filosofia em tempo de terror* exemplifica de maneira ilustrativa essa reflexão. No caso do Monte Branco, maior montanha da Europa, que é metade italiana e metade francesa, a linha de separação é uma convenção benevolente. É uma convenção reconhecida por todos, mas que também não possui graves consequências – nenhum habitante dessas duas regiões iria se importar com a pedra ou a folha que integra um dos dois lados. Porém, em total contraste, há situações em que as inclusões e exclusões podem causar muitos danos, como exemplifica a autora com o caso do Muro de Berlim, que não se tratam de folhas ou pedras, e sim de pessoas e famílias.

Acreditar na contingência (imprevisibilidade) da fronteira era algo importante para famílias que foram desmembradas com a construção do Muro de Berlim, pois aceitá-la era a única forma de sobrevivência dessa separação injusta. Em discordância, aqueles que faziam parte dos altos cargos da antiga República Democrática acreditavam que o Muro era somente a materialização da Cortina de Ferro, a ideia de uma separação essencial e não-contingente entre justiça e injustiça. Tomar partido por uma interpretação convencional ou essencial teria significado implícito em aderir as relações de inclusão e exclusão (BORRADORI, 2004).

Assim, para Jacques Derrida, refletir criticamente a essência das fronteiras transforma à nossa maneira “convencional” de pensar sobre a identidade como uma totalidade homogênea e auto-inclusiva. Retomando o exemplo do Muro de Berlim, demonstra que uma identidade não é perfeitamente homogênea porque inclui traços daquilo que explicitamente exclui. É a desconstrução que busca esses traços para dar voz ao que não se enquadra no conjunto dominante de inclusões e exclusões (BORRADORI, 2004).

A fronteira dentro da Filosofia da Diferença é vista muito mais em um sentido positivo de articulações com a diferença, do que com a ideia de limitar, excluir e segregar. Assim como a Filosofia da Diferença necessitou de um desprendimento da razão lógica e controladora, o conceito de fronteira também estabelece um rompimento com a representação e identidade. E, mesmo com todas particularidades, seja o outro um *hermano* ou um grupo armado, a região fronteira continua sendo potência, acontecimento. Às vezes promove hospitalidade e afecto, outras vezes hostilidade e dor, mas é inegável a atração e repulsão (plano de imanência) que esse lugar articula.

“O caminho situado nas fronteiras, ao mesmo tempo em que pantanoso, é o território da produção do outro, do “novo”, daquilo que transcende as posições fixadas. Mesmo porque, **para os residentes das fronteiras, em qualquer direção que se olhe, se vê um estrangeiro**. Penso que esta seja a emergência do momento da humanidade atual. Acredito ser esta a marca mais profunda do significado de diferença, onde a ruptura entre os essencialismos possíveis (“estreitos e estritos” ou “amplos e genéricos”), possam realmente se dar no “ser” e “fazer” dos relacionamentos cotidianos, marcados, necessariamente, por diferentes pertencimentos; onde, definitivamente, “rótulos” (tais como em remédios e produtos industrializados) e “marcas” (tais como em grifes e animais de rebanhos) possam ser superados” (MONTEIRO, 2011, p. 122. Grifo da autora).

Quando Aloisio Monteiro (2011) exalta a potencialidade da fronteira, fica nítido como ser/estar na fronteira nos ensina sobre acolhimento e alteridade, não em um viés homogeneizador de fixar a diferença, mas na perspectiva de uma alteridade fluida que também rompe e resiste em momentos de tensão. Aceitar o estrangeiro, o estranho é também se aceitar, como reflete Kafka na ideia do “estrangeiro em si mesmo”. Ou ainda, pelo pensamento derridiano, na atribuição da hospitalidade incondicional ou condicional na abertura ao outro, ao que vem de fora em sua diferença.

Ao desenhar uma margem de uma folha – seguindo a analogia de Monteiro (2011) - se define o lugar do desenvolvimento da escrita e um lugar vazio, em branco, que se localiza entre a borda da folha e a linha da margem. É nessa zona do meio, no entre espaços em branco que tudo é passível de acontecer. Um espaço que pode acolher uma escrita, uma numeração, uma figura, um furo ou mesmo o nada. O lugar em branco é a indeterminação, a imprevisibilidade, um lugar destinado a qualquer tipo de interferência que não espera, acontece.

É preciso pontuar que quando Deleuze fala sobre fronteira se refere, primeiramente, ao pensamento, assim como Derrida, ao falar sobre fronteira está adentrando o campo da linguagem. Entretanto, colaboram para o entendimento de uma fronteira geográfica. Assim como os limites físicos podem ser ultrapassados e experienciados de uma maneira mais reflexiva e coletiva, a dialética multidisciplinar – no diálogo entre filosofia, arquitetura, urbanismo, geografia – também pode extrapolar os limites da academia.

Em nome do desejo de uma democracia por vir, no acolhimento pelo próprio pensamento derridiano e deleuziano da filosofia da diferença, do direito à filosofia, da leitura, do debate, da escrita, e até mesmo da desconstrução de seus conceitos, se faz uma apropriação respeitosa das diversas contribuições desses autores em uma tentativa de mais perguntas-respostas sobre os acontecimentos entre inúmeras formas de fronteira. Arriscar-se na fronteira é ter a consciência da impossibilidade de abarcar a totalidade e postular certezas fixas. O grande interesse pela fronteira está justamente nesse ponto, de esmiuçar esse território tão vasto, complexo e mutante.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo?* In: *O que é o Contemporâneo?* E outros ensaios. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BORRADORI, Giovanna. *Filosofia em tempo de terror: diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. Vol.3.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. Vol.5.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, J. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GAY, Jean-Christophe. *Les Discontinuités Spatiales*. Paris: Economia, 2004.

LEROI-GOURHAN, André. Técnica e Linguagem. Trad. Vitor Gonçalves. *O Gesto e a Palavra*. Vol. 1. Col. Perspectivas do Homem, Lisboa: Edições 70, 1985.

MACHADO, Lia Osório. Limites, Fronteiras, Redes. In: STROHAECKER, Tânia Marques. Et al. (Org.). *Fronteiras e Espaço Global*. Porto Alegre: AGB-Seção Porto Alegre, 1998.

MONTEIRO, Aloisio, J. J. *Fronteira, cultura e exclusão: debates do nosso tempo*. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB Campo Grande-MS, n. 31, p. 119-128, jan. /jun. 2011. Disponível em: <<http://www.gpec.ucdb.br/serie-estudos/index.php/serie-estudos/article/viewFile/125/247>> Acesso em: 10 de março 2018.

SILVA, Luís Sérgio Duarte da. O Conceito de Fronteira em Deleuze e Sarduy. *Dossiê: Caribe(s) Textos de História*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Brasília: UnB, v. 13, n. 1/2, 2005.